

# TRABALHO E LOGOTEORIA: ANÁLISE EXISTENCIAL DA SITUAÇÃO DE DESEMPREGO

## WORK AND LOGOTHEORY: EXISTENTIAL ANALYSIS OF UNEMPLOYMENT SITUATION

Karen Costa Guedes

*Universidade Federal da Paraíba*

Edmundo Oliveira Gaudêncio

*Universidade Federal de Campina Grande / Universidade Estadual da Paraíba*

Resumo. Enquanto desempregado, o homem, face à liberdade e diante de suas possibilidades pessoais, pode responder à vida como ser-responsável, para não cair na sensação de vazio e de falta de sentido da existência. Este artigo objetivou discutir como a Logoterapia trabalha junto ao desempregado, a partir da compreensão da relação entre o homem e o trabalho. Trata-se de uma Pesquisa Teórica efetivada, por meio da leitura das obras de Viktor Frankl e textos da Psicologia em geral. Conclui-se que o homem não deve ser guiado em busca da autorrealização, porém, por meio da autotranscendência, precisa realizar os valores criativos, vivenciais e atitudinais e, desse modo, a autorrealização acontece como conseqüência da dedicação a algo ou alguém diferente de si mesmo.

Palavras-chave: Valores Criativos, Desemprego, Logoterapia.

Abstract. Before freedom and his personal possibilities, an unemployed man can answer to life as a responsible being, in order not to fall in the sense of emptiness and lack of existential meaning. This paper aims to discuss how is that Logotherapy works with the unemployed, trough the comprehension of the man-work relationship. It is a theoretical research made by the reading of the work of Viktor Frankl, specifically, and Psychology texts in general. It concludes that one cannot be guided in search of self-realization, but through self-transcendence one needs to fulfill creative, experiential, and attitudinal values and, in this way, self-realization happens as a consequence of the dedication to something or someone different from oneself.

Keywords: Creational Values, Unemployment, Logotherapy.

**T**rabalho, em uma simples definição, é a ação transformadora do homem, realizada na natureza e na sociedade em que vive.

Do modo como é definida, a relação entre trabalho e realização humana parece evidente, visto que o homem procura a sua realização por meio do trabalho.

Por outro lado, segundo Ferreira (2004), o desemprego é a falta de emprego, situação em que parcela(s) da força de trabalho não consegue(m) obter ocupação. Como se tem observado, muitos brasileiros enfrentam esse momento com grande angústia, acometidos, muitas vezes, de depressão, o que pode levar um sujeito ao suicídio por não saber lidar com a perda da ocupação laboral, quando chega a enfrentar a existência como um vazio.

Devido ao impacto enfrentado em virtude da crise econômica sofrida nos Estados Unidos, o que se refletiu na economia em todo o mundo, muitas empresas, em nosso país, estão fazendo demissão em massa. Até mesmo pessoas há anos em cargo de confiança estão incluídas nesse rol de demitidos, enfrentando também a dificuldade da reinserção no mercado de trabalho, tendo em vista as reestruturações das empresas, devido à queda de vendas e lucros. Por conseguinte, eleva-se o desemprego. Nesse caso, convém averiguar os efeitos desse evento nas pessoas e na sociedade e o modo como reagem, a fim de, possivelmente, contribuir para com a compreensão e intervenção na relação do homem com o trabalho, prejudicada nesse contexto de perda.

Destarte, o estudo é justificável, considerando a utilidade prática da pesquisa, pela obtenção de subsídios teóricos que possivelmente contribuirão para o entendimento da temática, possibilitando, desse modo, colher dados de caráter pragmático para lidar com o desemprego e, principalmente, com o desempregado.

Além do mais, a pesquisa propicia avanços ao conhecimento teórico das ciências sociais e da saúde. Apesar de o desemprego estar sendo um fenômeno constante na vida de muitos brasileiros, não são realizadas, por meio de um enfoque psicológico, pesquisas específicas na área, em comparação com outras temáticas. Daí a necessidade de se desenvolver um estudo que se dedique a uma revisão de obras de autores que contribuíram com teorias e escritos acerca do trabalho. E, para esta oportunidade, extrair, prioritariamente, questões

relativas à compreensão das repercussões psicológicas do desemprego.

Por meio de estudos em que se tenta compreender as relações do homem com o trabalho, buscamos aprofundar a temática do desemprego a partir de um olhar clínico, sobretudo logoterapêutico, o qual busca atuar de forma a prevenir e, em outros casos, intervir junto às condições e psicopatologias do trabalho.

Diante do exposto, este estudo tem como objetivo geral apresentar a visão do trabalho e do desemprego na ótica da Logoterapia.

*A priori*, pretendemos compreender a relação entre o homem e o trabalho, a fim de contextualizar a temática proposta, para, em seguida, nos aprofundarmos nos conceitos fundamentais da Logoterapia, enquanto Logoteoria e enquanto forma de Psicoterapia. E, especialmente, por meio da Antropologia frankliana, debruçarmo-nos sobre o Sentido do Trabalho e como se verifica o mesmo no contexto em que o homem se encontra desempregado.

Alguns seguidores e intérpretes da Logoterapia (Bockmann, 1990; Lukas, 1992; Gasda, 2006) apresentam estudos na área do desemprego, porém se percebe uma evidente escassez de trabalhos atuais realizados em grupos de pesquisa. Por isso, por meio deste artigo, pretendemos desenvolver mais estudos e pesquisas, a fim de contribuir para com o campo da Logoterapia, a qual tem conquistado cada vez maiores espaços no Brasil.

Em linhas gerais, no tocante à Escola com a qual trabalhamos, podemos adiantar que Viktor Emil Frankl, fundador da Logoterapia, partindo de um fundamento antropológico espiritual existencial, forma uma teoria psicológica centrada no sentido. Ele combate os sistemas fechados (fisiologismo, psicologismo, sociologismo), já que através de nenhum desses três horizontes de compreensão se pode chegar à compreensão total do homem.

Dentre seus conceitos fundamentais, abordaremos as premissas sobre a concepção de homem na Logoterapia, que perpassam pela definição do homem como ser espiritual-pessoal e como ele é capaz de se autodeterminar. Ressalta-se que o homem se orienta, primariamente, para o sentido e os valores, destacando a autotranscendência como constitutivo essencial do homem.

Frankl situa o homem acima e além da esfera vital, meramente mecânico-impulsiva, e o declara livre para uma ação de responsabilidade própria

(Bockmann, 1990, p. 77). De onde se infere que, mesmo enquanto desempregado, o homem pode responder à vida com responsabilidade, para não cair na sensação de vazio e de falta de sentido da existência.

Vale salientar que o que importa mais é o sentido específico da vida de uma pessoa em um dado momento, já que este está ao alcance do homem, pois pertence ao presente. É o que iremos verificar na situação específica do desemprego, vez que “a principal preocupação da pessoa não consiste em obter prazer ou evitar a dor, mas antes em ver um sentido em sua vida” (Frankl, 2008, p. 137).

## METODOLOGIA

Ao visar à consecução dos objetivos formulados, o artigo consiste em uma Pesquisa Teórica, mediante a qual se pretende analisar as informações fornecidas por diversas fontes, tais como revistas, jornais, artigos, livros, dicionários e outros elementos teóricos particulares relacionados ao tema proposto.

A escolha do método deu-se a partir do desejo de aprofundar, teoricamente, a questão de como a Logoterapia trabalha junto ao desempregado, não se limitando apenas às obras de Frankl, mas também buscando na Psicologia, em geral, subsídios que abordam a relação do homem com o trabalho, a fim de proporcionar um estudo mais completo, mediante a contribuição de diversos autores, o que torna possível um conhecimento mais amplo. Isso é, então, o que alicerça o objetivo da realização deste trabalho.

## A RELAÇÃO ENTRE O HOMEM E O TRABALHO

Para muitos, o trabalho significa fonte de garantia de subsistência, além de lugar de posição social. Por conseguinte, a falta de trabalho ou a simples ameaça da perda de emprego gera sofrimento psíquico, pois afeta, principalmente, o emocional e a área financeira do trabalhador e da sua família. Nessas condições, a pessoa pode apresentar sentimentos de auto-desvalorização e de insegurança.

Ao abordar a temática “Trabalho e Realização”, Ribeiro (1995, p. 149) assinala que “é na ação transformadora que o homem encontra momentos de satisfação, de realização de seus

projetos, mesmo que, concomitantemente, esteja gerando novas ansiedades”. Isto quer dizer que é no construir, no criar, no projetar e no fazer que o homem realiza e se realiza.

Bem sabemos que o agir gera outras atitudes e conseqüências, como nos deixou o ensinamento do físico Isaac Newton, há 323 anos, quando disse que “toda ação gera uma reação”. O homem transforma o mundo por meio do trabalho e ao mesmo tempo é por este transformado. Então, o que justifica o fato de homens realizarem trabalho, mas, no entanto, não se realizarem? Uma das respostas plausíveis é a seguinte:

Para a maioria dos indivíduos, o trabalho que fazem não são projetos seus, como também não são seus os frutos dos esforços. Longe de ser sinônimo de criação e de transformação, o trabalho que desenvolvem torna-se opressivo e estafante. Por exemplo, será que construir as imensas pirâmides egípcias era projeto das centenas de escravos, ou era vontade do poderoso faraó? Do mesmo modo, de quem era o projeto da construção do Palácio de Versalhes, na França? (RIBEIRO, 1995, p. 150).

As constantes mudanças socioeconômicas estão imbricadas com as mudanças no mundo do trabalho. Passemos a verificar de forma sucinta essa metamorfose e suas conseqüentes implicações na vida do homem.

Na Grécia, o trabalho manual era considerado atividade degradante, destinada a escravos e a não-cidadãos gregos. Já para o cidadão grego estava proibido o trabalho braçal, uma vez que ele deveria ter o tempo livre para se dedicar à reflexão e ao exercício da cidadania. No período medieval, o trabalho era visto apenas como meio de subsistência e a Igreja Católica condenava a prática do mesmo como forma de enriquecimento.

A crise da ordem feudal, fundada na subsistência e na servidão, e o desenvolvimento do comércio e das atividades manufatureiras organizam uma nova estrutura social, a chamada sociedade capitalista, e o trabalho passa a ser entendido atreladamente à economia de mercado. Diferente de como era compreendido na Idade Média, o trabalho deixa de objetivar apenas o atendimento das necessidades humanas básicas e, agora, sua finalidade principal é produzir riqueza acumulada.

A partir da Revolução Industrial, o trabalhador foi desapropriado do seu “saber fazer”,

ficando restrito a realizar tarefas repetitivas e fragmentadas (Menezes, 2007).

Apesar de, segundo a concepção burguesa, o trabalhador “ser livre”, o que ocorreu foi justamente o contrário - uma “prisão”, no sentido em que as máquinas serviram tanto para o aumento da produtividade, como para impor disciplina do tempo e do trabalho, com a finalidade de controlar as formas de resistência operárias, principalmente por meio da ameaça do desemprego.

Abramos um parêntese a fim de ilustrar essa “prisão” supracitada por meio do filme “Tempos Modernos” (Chaplin, 1936). No clássico, Chaplin, interpretando um operário nos sistemas taylorista e fordista, chega a preferir ficar encarcerado no sentido literal da palavra, a ter que ficar “preso” na fábrica em que trabalhava. A película retrata a época do ponto de vista dos funcionários, o “engessamento” pelo qual os mesmos sofriam, por meio de movimentos repetitivos, impedidos de qualquer tipo de criatividade, invenção e iniciativa própria no modo de executar o trabalho.

Chegando aos dias atuais, ainda percebemos esses sistemas reduzindo o homem a um mero autômato cumpridor de ordens e de ritmos estranhos a sua vontade e a sua natureza. Não apenas nas fábricas, mas em praticamente todos os tipos de trabalho, como nos grandes escritórios, bancos, empresas, comércios etc.

Desse modo, segundo Ribeiro (1995, p. 159), “nas sociedades modernas – capitalistas ou socialistas, o trabalho, ao mesmo tempo em que humaniza a natureza, desumaniza o homem”. Nessas condições, podemos falar de alienação no referido contexto, que, definida de modo resumido, consiste no processo de coisificação do homem por meio do trabalho, pois a partir do momento em que o homem passa a subordinar-se às imposições do mercado e não exercer a vontade própria, transforma-se em coisa.

Tumuolo e Tumuolo (2004) assinalaram o significado do desemprego na lógica do capitalismo, ao fazerem referência à questão básica desse sistema de produção, no qual somente mediante a venda de alguma mercadoria, quer dizer, algum produto qualquer ou a força de trabalho em especial, é possível adquirir os meios de subsistência necessários para a manutenção da vida humana. Os indivíduos que não dispõem dos meios de produção necessários para produzir algum bem são obrigados a vender sua força de trabalho para, então, obterem alguma

remuneração e realizarem a troca pelos produtos necessários para sua subsistência.

A força humana de trabalho é descartada com a mesma tranquilidade com que se descarta uma seringa. Assim faz o capital, e há então uma massa enorme de trabalhadores e trabalhadoras que já são parte do desemprego estrutural, são parte do monumental exército industrial de reserva que se expande em toda parte. Essa tendência tem se acentuado, em função da vigência do caráter destrutivo da lógica do capital, muito mais visível nesses 20, 30 anos (Antunes, 1999, p. 200).

O efeito desse processo é a constante dispensa relativa da força de trabalho, vez que, para o capital, a força de trabalho se torna cada vez mais dispensável. Por isso, constata-se um aumento na dificuldade para que os indivíduos vendam sua força de trabalho para o mercado especificamente capitalista, tendo como conseqüência o aumento das taxas médias de desemprego, assim como uma tendencial diminuição da possibilidade de produção social da vida fora do mercado capitalista (Tumuolo; Tumuolo, 2004), tudo isso implicando em desemprego, o qual, por sua vez, implica em repercussões na saúde psíquica e também na saúde geral do sujeito.

No cenário atual, é como se os trabalhadores vivessem sob o implícito dilema: prefiro me calar e aguentar todas as pressões e cargas que sofro nesse determinado trabalho, a ter que entrar para a fila daqueles que almejam adentrar para o lado em que estou. Prefiro, por meio de algumas defesas, como o medo, a mentira disfarçada de que estou satisfeito, suportar para sobreviver assim, do que ser verdadeiro ou realista quanto às condições de trabalho e estar no “olho da rua”.

Portanto, como a Psicologia vê esse homem? Será o trabalho ou a sua falta o grande responsável por dar ou tirar o sentido da vida? Será a condição de desempregado, nesse sentido, mais importante do que a condição de ser humano? É na tentativa de responder a tais questionamentos que recorreremos à visão antropológica frankliana.

## CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA LOGOTERAPIA

A Logoterapia é considerada a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, depois da Psicanálise de Freud e da Psicologia Individual de

Adler. O seu fundador é o psiquiatra vienense, de origem judaica, Viktor Emil Frankl, que viveu 92 anos, de 1905 a 1997. Vale destacar que conhecer a sua vida é parte fundamental para se compreender a sua obra.

Frankl passou por quatro campos de concentração entre os anos de 1942 a 1945. A experiência como prisioneiro permitiu-lhe confirmar e terminar de desenvolver a Logoterapia, já que ele pôde vivenciar e concluir que, em condições mais extremas de desumanização e sofrimento, o homem pode e deve encontrar uma razão para viver, baseada em sua dimensão espiritual. A biografia de Frankl já fala por si mesma a maneira pela qual a vida deve ser entendida e como o homem é capaz de encontrar sentido em quaisquer circunstâncias, tal como ele mesmo afirma: “Escrever um livro não é uma grande coisa, saber viver é muito mais e ainda mais é escrever um livro que ensine a viver. Mas o máximo é viver uma vida sobre a qual se possa escrever um livro” (Frankl, 2010, p. 9). Os livros de sua autoria demonstram a coerência da Logoterapia em sua vida, bem como a práxis da Logoterapia.

A maneira pela qual a Logoterapia vê o homem perpassa sobre a dimensão especificamente humana, denominada de *noética*, pela qual se entende que o homem não é um ser guiado, pelo contrário, ele é livre e responsável. Peter (1999) sublinha que a impulsividade e seus condicionamentos não afetam propriamente esta esfera. A doença, os impulsos, as necessidades se movem no plano meramente psicofísico, ao passo que a esfera da existência está acima da facticidade psicofísica.

Se a Psicanálise considera as dimensões somática e psíquica, alcançando a profundidade da esfera psicobiológica, que impulsiona e condiciona o homem, a Logoterapia, criticando essa forma de compreensão, julgando não ser possível reduzir o ser humano apenas a soma e psique, introduz o conceito da dimensão noética como a altura da pessoa espiritual, onde o homem se auto-decide.

O vocábulo *noética* vem da palavra grega *nous* (espírito) e é nessa dimensão espiritual que se localiza a tomada de posição, em face das condições corporais e de existência psíquica, além das decisões pessoais de vontade, intencionalidade, interesse prático e artístico, criatividade, senso ético e a compreensão do valor (Lukas, 1989). O homem é mais do que soma e psique e, por isto, ele não é completamente condicionado e determinado, ele é

quem decide se cede aos condicionantes ou se age de forma a configurar o seu existir.

Para a Logoterapia, existe a dialética destino versus liberdade. O destino diz respeito às condições biológicas, psicológicas e sociais, às predisposições - seria o reino do real, onde não há mais possibilidades de escolhas e, portanto, não há responsabilidade. Enquanto a liberdade está na área da 3ª dimensão, a *noética*, que consiste nos atos de escolhas diante dos condicionamentos, nesse caso dizendo respeito ao reino das possibilidades, e por isso, ali cabendo a responsabilidade. Em síntese, dita de maneira figurada, é como se o chão em que pisamos fosse o destino (inevitável) e os nossos saltos estivessem ao nível do campo de liberdade e fôssemos responsáveis para saltar, conscientemente, diante dos feixes de possibilidades, considerando-se que a consciência é o “órgão de sentido”, já que é por meio dela que se pode atingir o conhecimento de algo como revestido de sentido ou não. Segundo Frankl (2007) ela poderia ser definida como a capacidade de procurar e descobrir o sentido único e exclusivo oculto em cada situação.

Para Frankl, assim como o homem, o sentido é único e singular e está na relação com o mundo, logo, a consciência é transcendente e os valores são por ela intuídos. Esclarecendo a diferença entre sentido e valores, poderíamos dizer que enquanto que o primeiro está vinculado a uma situação única, os valores são sentidos universais que se relacionam com a condição humana como tal.

A realidade sempre se apresenta na forma de uma particular situação concreta e, uma vez que cada situação de vida é irrepitível, segue-se que o sentido de uma dada situação é único. Não haveria então, possibilidade alguma de os sentidos serem transmitidos pela tradição. Somente os valores – que poderiam ser definidos como significados universais – podem sofrer a influência do declínio das tradições (Frankl, 2005, p. 31).

A consciência é intencionalidade e o ser humano é atraído pelos valores, sendo por meio dos valores vivenciais, criativos e atitudinais, que há a realização de sentido. Ao homem sempre estarão disponíveis essas categorias de valores e, dependendo da circunstância, um vai parecer mais viável que outro. Haverá momentos em que a vida nos exija que realizemos algo para o mundo, por meio de uma obra, um trabalho; em outro, podemos ser enriquecidos (Frankl, 2003) através de nossas

vivências, a partir da autotranscendência, por meio da qual nos doamos a algo ou alguém através de um encontro, seja com o ser amado, seja ao contemplar o pôr do sol, por exemplo. E por último, ainda podemos responder à existência a partir dos valores atitudinais, os quais chamam para a atitude de coragem e valentia para encontrar o sentido do sofrimento, já que o sofrimento sem sentido gera o desespero. Essa tomada de posição é possível graças ao autodistanciamento, pois, ao objetivar o sofrimento, diminui a carga afetiva que impulsiona o mesmo.

Parafraseando o filósofo Comte-Sponville (1999), podemos definir essa coragem como sendo a condição de qualquer virtude, não significando a ausência do medo, mas, sim, a capacidade de superá-lo, quando ele existe, por uma vontade mais forte e mais generosa. “É força de alma, diante do perigo. Já não é uma paixão, é uma virtude, e a condição de todas. Já não é a coragem dos durões, é a coragem dos doces, e dos heróis”.

Sumariando tais valores, Frankl (2003, p. 151) afirma: “O homem realiza criando, os valores criadores; experimentando vivências, os valores vivenciais; e, sofrendo, os valores de atitude”. É através desses valores que o homem busca sentido em sua existência. A vida consiste em uma oportunidade única, singular e irrepetível. Portanto o homem, ao encará-la dessa maneira, está a todo o momento tendo que respondê-la, a fim de configurar, como ser-responsável, a sua área de liberdade, a qual corresponde ao tempo presente.

Na verdade, não podemos questionar sobre o sentido da vida, porque somos nós mesmos que estamos sendo questionados – somos nós que temos de responder às perguntas que a vida nos coloca. E essas perguntas que a vida nos coloca só podem ser respondidas à medida que somos responsáveis pela nossa própria existência (Frankl, 2010, p. 63).

Ao contrário do que geralmente é apregoado, o homem não deve reagir a estímulos, nem obedecer aos próprios impulsos, mas, sobretudo, responder às questões que a vida lhe coloca e por essa via realizar os sentidos que a vida lhe oferece.

Para Viktor Frankl, a vida é considerada como rica de possibilidades, ao defender que é possível encontrar sentido em quaisquer circunstâncias, especialmente ante o sofrimento, a culpa e a morte (tríade trágica). É devido ao

potencial humano que o homem pode transformar-se, isto é, transformar o seu *sofrimento* em uma conquista e numa realização humana, transformando, desse modo, a dor em uma oportunidade de crescimento; encontrar no sentido de *culpa* motivação para mudar-se a si mesmo e para melhor e, na *mortalidade*, descobrir um incentivo para a realização de ações, com responsabilidade.

A postura de Frankl não é de pessimismo ante esta dimensão humana trágica, mas, sim, realista e até, pode-se dizer, otimista. Ele procura mostrar que há aspectos em nossa condição humana que não podemos mudar, mas que por nossa atitude livre, responsabilmente eleita, podemos transformar a dimensão trágica em lucro, em favor do crescimento humano (LUKAS, 2003, p. 84).

Especificamente na situação do desemprego, o homem pode se encontrar no estado de sofrimento e até de culpa pela perda e/ou falta de ocupação laboral. Adiante veremos a forma pela qual o homem desempregado se sente e, ao mesmo tempo, como atualiza a força desafiadora do espírito, sobre a possibilidade de transformação, objetivando, não primeiro e necessariamente a mudança do quadro sócio-econômico, mas, antes, o desafio para mudar a si mesmo, procurando assim vencer o sofrimento por meio do encontro de um sentido, sendo necessária para que isto ocorra, a modificação de atitudes frente à vida.

## O SENTIDO DO TRABALHO E O DESEMPREGO

Retomando os valores criativos, vivenciais e atitudinais, percebemos que a vida não se restringe apenas no realizar a partir do criar e vivenciar, mas diz respeito também ao sofrimento. O prazer, sensação buscada por muitos para aliviar a tensão, para sentir conforto, alegria, êxtase e satisfação não deve ser buscado como um fim em si mesmo. Pelo contrário, é por meio do sentido que devemos ser atraídos para criar, viver e até sofrer, já que o prazer de modo algum é responsável por dar sentido à vida e, obviamente, a ausência dele não é capaz de tirá-lo.

Frankl (2008) ressalta que o homem necessita de uma “tensão sadia e dosada”. Isto é, aquela tensão que o homem experimenta através da exigência de um sentido da vida, quando de uma tarefa a ser realizada.

Selye (1965), endocrinólogo, equiparando ansiedade a estresse, distingue-lhe dois tipos, o *eustresse*, definido como agradável e positivo, o qual possibilita a criatividade, motiva, estimula a pessoa ao novo, a nova adaptação à situação que se apresenta, além de promover o crescimento pessoal, ampliando o campo perceptivo. E o *distresse*, considerado desagradável e negativo, o qual leva à paralisação, faz o indivíduo se sentir intimidado, resultando na fuga das situações e numa atitude pessimista e derrotista perante o que se apresenta, além de provocar possíveis psicossomatizações.

Fazendo-se um paralelo entre a definição de estresse proposta por Selye e a Logoterapia, permitenos dizer que o *eustresse*, o qual se refere ao estresse bom, positivo, é aquela quantidade saudável de tensão que faz com que o homem seja atraído pelo sentidopelos valores. Frankl (2010) define essa tensão “que se estabelece em um campo polar em que um pólo é representado por um homem e outro pólo por um sentido único e específico que esteja aguardando por ele e exclusivamente por ele para ser realizado” como sendo justamente a tensão entre o *ser* e o *dever-ser*.

Essa tensão constitui o princípio da noodinâmica, em que o *ser* seria o presente, a realidade e, o *dever-ser* o lugar aonde pretende chegar, o ideal. Então, a pergunta para a orientação do homem não é para o prazer, mas para o dever. Esse princípio vai além do princípio homeostático, o qual se justifica apenas a nível bidimensional (psicofísico), por meio do conflito entre as necessidades e a satisfação, quando então, o equilíbrio é estabelecido até que uma nova pressão o coloque novamente em movimento. Essa dinâmica é plausível quando se trata do reino animal, mas, ao tratarmos da dimensão humana, torna-se inviável, já que, além do psicofísico, o homem é também um ser espiritual.

Do princípio da noodinâmica flui também sempre um valor proveniente do mundo exterior (Lukas, 1989), por exemplo, a constituição de uma família, a ocupação de um posto de trabalho, uma aprovação em concurso etc, ou seja, um valor ao qual se dirige o *dever-ser*. No plano espiritual se dá a aspiração ao sentido e a realização de valores. A motivação mais originária, mais primitiva do homem, é a “vontade de sentido”, ao contrário da “vontade de prazer”, preconizada por Freud, e da “vontade de poder”, proposta por Adler.

Frankl (2005, p. 29) compreendeu esse fato antropológico primordial de tal forma que:

O ser humano deva sempre estar endereçado, deva sempre apontar para qualquer coisa ou qualquer um diverso dele próprio, ou seja, para um sentido a realizar ou para outro ser humano a encontrar, para uma causa à qual consagrar-se ou para uma pessoa a quem amar. Somente na medida em que consegue viver esta autotranscendência da existência humana, alguém é autenticamente homem e autenticamente si próprio.

Desse modo, o homem se realiza a partir do momento em que não se preocupa com a sua auto-realização, não volta seus pensamentos para si mesmo, mas, pelo contrário, para algo no mundo. Nesses termos, a auto-realização se dá como conseqüência, isto é, como um efeito secundário da autotranscendência, capacidade de superar a si mesmo, a dedicação a alguém ou algo que não seja meramente a satisfação das próprias carências.

Como abordávamos no início deste artigo, a realização e o trabalho apresentam uma ligação evidente. Para Frankl, ele é um meio de realização dos valores criativos. Se partirmos da busca de sentido como motivação primária da existência humana, inegavelmente nos depararemos com uma ideia que fundamenta a vida humana como nenhuma outra, qual seja, o trabalho como fenômeno criativo e social (Bockmann, 1990).

Quando mencionamos o trabalho como um dado criativo, estamos nos referindo justamente à busca do sentido como a orientação fundamental e primeira do homem, isto é, encontrar sentido por meio do trabalho não reside no apertar botões, acionar alavancas, mas o significado que dá a esses atos aquele que trabalha.

Dessa forma, consideramos a liberdade do homem como a responsável por livrá-lo dos condicionamentos do seu “ser-assim” e, ao invés da pergunta clássica à utilidade – *a quem serve?* –, deveria ser posta a pergunta: *qual o sentido que o fundamenta?* Essa, sim, consiste na pergunta de orientação da Logoterapia e, com isto, aferimos ser impossível dar uma única resposta para todos os homens, visto que o sentido é individual e situacional.

A realização de valores criativos está inteiramente ligada à missão da vida e, o trabalho, como realização desses valores, possui uma importância que não pode ser subestimada. Frankl

(2003) afirma que o trabalho pode representar o campo em que a unicidade do indivíduo se relaciona com a comunidade, recebendo, desse modo, o seu sentido e valor. Vale salientar que não é uma determinada profissão que confere sentido ao homem, ou seja, não é o que o trabalho faz ao homem, mas pelo contrário, é o que o profissional faz do seu trabalho, expressão da sua singularidade que possibilitará sentir-se pleno de sentido.

Vale salientar que os valores criativos ou a sua realização ocupam o primeiro plano da missão da vida (Frankl, 2003), mas será que a esfera da sua consumação concreta coincide com o trabalho profissional? Diremos, concordando com Viktor Frankl, que não, já que não é um determinado tipo de profissão o que oferece ao homem a possibilidade de atingir a plenitude. No entanto, tem-se verificado que muitos têm depositado a sua esperança e confiança em uma determinada profissão a fim de encontrar a felicidade e, quanto mais procuram dessa forma, mais se frustram, visto que essa não é a maneira pela qual se possa encontrar o sentido da vida.

Então, cabe ao logoterapeuta fazer ver a essas pessoas que o que importa não é a profissão que tem, mas, sobretudo, o modo como se exerce a mesma, configurando-a de modo pessoal e, desse modo, fazendo-a adquirir pleno sentido. A profissão adquire significado tão só através do nexos individual e situacional dado pelo próprio homem:

O sentido não é a coisa em si mesma, mas o seu significado: por que se ganha dinheiro, por que se aspira a reconhecimento, se realiza uma obra ou se necessita de contatos sociais. Em outras palavras, que valores com isso importa efetivar (Bockmann, 1990, p. 84).

É importante não ver no trabalho a causa da felicidade, pois ela nunca pode ser buscada. Pelo contrário, ela surge na medida em que buscamos viver de modo a configurar o nosso existir, quando nos dedicamos a algo ou alguém ou por meio de uma atitude diante do sofrimento, o que nos faz lembrar da importância da autotranscendência, já que estar preocupado consigo mesmo ou com o seu próprio prestígio resultará em uma autoderrota.

Por outro lado, na situação de desemprego, o fato de perder algo, em muitos casos, já é capaz de deixar o homem triste, sentindo-se frustrado pela perda de uma conquista. E assim como em outros contextos de perdas, é necessário o tempo para a

elaboração desse luto. O problema maior, porém, ocorre quando essa perda da ocupação laboral desencadeia também uma sensação de desocupação interior (Frankl, 2003), quando o homem desempregado passa a se sentir inútil e pensa não ter nenhum sentido a sua vida, ocasião em que o desemprego vem a ser uma oportunidade para o aparecimento de processos neuróticos.

Nesse caso, Frankl fala da *neurose de desemprego* referindo-se aos sujeitos que já tinham uma neurose e que apenas foi acentuada pelo advento do mesmo: “O estado de coisas próprio do desemprego entra, por assim dizer, na neurose como material; é tomado pela neurose como conteúdo e passa a ser elaborado neuroticamente” (Frankl, 2003, p. 164). Destarte, o desemprego passa a receber toda a culpa de ocorrências que não dão certo em sua vida, servindo assim de bode expiatório e, portanto, fazendo com que o homem se exima de qualquer responsabilidade em realizar alguma tarefa, ir à busca de um novo emprego, encontrar forças para continuar a viver, já que, para o neurótico, essa situação é tida como destino e de nada adianta fazer para reconfigurá-lo.

No entanto, é possível, nesse cenário, uma tomada de atitude, uma decisão existencial, um *modus existendi*, já que, em qualquer circunstância, o homem pode decidir se se submeterá ou não psiquicamente às forças do destino social, uma vez que “a neurose do desemprego não é de maneira nenhuma aquele destino incondicionado com que o neurótico tende a identificá-la. O desempregado nem de longe tem que se entregar à neurose de desemprego” (Frankl, 2003, p. 164).

Podemos falar de outra vertente, dos desempregados não neuróticos, que, mesmo vivenciando as mesmas condições dos que sofrem a neurose do desemprego, sabem encontrar sentido na vida, por entender que esta não se limita à realização de um trabalho profissional, e, por não identificarem o trabalho como o sentido único da vida, não se entregam à apatia e à depressão, mas vêem que a vida é muito mais que a realização do trabalho.

Esses se encaminham para ocupações que vão além do campo estritamente profissional, contribuindo com ONG's, prestando serviços como voluntários, por exemplo, utilizando o tempo livre para fazer boas leituras, caminhadas e configurar esse estado de forma responsável e significativa. Não desconsideramos as necessidades econômicas, mas é

importante destacar que a vontade é como uma mola propulsora que ressuscita e reanima a orientação do sentido para outros valores, como os vivenciais e atitudinais.

Vale salientar que a neurose de desemprego não é nenhuma consequência imediata do desemprego, antes é possível que o desemprego seja consequência da neurose (Frankl, 2003). Isto é, a sintomatologia da neurose é que expande o tempo de desocupação, faz o homem paralisar diante das oportunidades, já que imerso na apatia não se dedica à procura e à recolocação no mercado de trabalho.

Como Psicoterapia, o que é indicado para esse caso é uma análise da existência, por meio da qual o desempregado reconheça a sua liberdade diante do desemprego como um destino social e tenha a consciência da responsabilidade uma vez que, mesmo diante de situações difíceis, é possível revestir a vida de sentido.

Já que a neurose do desemprego não é uma consequência imediata do desemprego, não somos obrigados a sucumbir a ela. Pelo contrário, é perfeitamente possível colocar sentido numa fase de desemprego (...) quem reconhece e tem consciência de que, apesar das dificuldades, ele próprio é o responsável por suas ações e omissões, este não será uma vítima do desemprego (Lukas, 1992, p. 149).

Nos dias atuais, percebemos que a concorrência no mercado de trabalho, a competitividade como no próprio mercado do conhecimento está crescendo com uma formatação tal, que muitos se sentem forçados a colocar como o primordial a busca da conquista, o pódio, o destaque e, com a correria do cotidiano, acreditam não ser necessário um maior questionamento sobre o sentido da vida de maneira geral. E, ao chegar o domingo, a insuficiência de objetivo e de sentido é visivelmente reconhecida.

Então, são buscadas programações que possibilitem eximir de toda a reflexão do encontro consigo mesmo, por exemplo, assistir a esportes, a bailes, situações nas quais o neurótico não necessite pensar, ter uma postura ativa diante das atividades, a fim de fugir da angústia do “eu”, da vivência do vazio existencial (Frankl, 2003).

Na Logoterapia é também definido outro tipo de neurose relacionada ao trabalho, denominada de *neurose dominical*. Ela pode ser compreendida na medida em que se configura como uma tentativa de fuga da vida em sua totalidade, isto

é, o neurótico busca no trabalho o refúgio para a realidade, restringindo a sua força, coragem, vontade de sentido apenas ao âmbito profissional e, desse modo, perde-se o foco da vida em sua plenitude, tornando-se incapaz de ver sentido no tempo livre, no simples contato e vivências com outros e consigo mesmo.

É, pois, assim denominada, já que é no dia de domingo que o neurótico vê-se sem saída, por ser um dia de descanso e, geralmente, sem ocupação laboral. O homem, assim, não podendo se dedicar ao trabalho e nele se refugiar, é “obrigado” a encarar outros aspectos da vida que durante a semana foram negligenciados. O neurótico dominical empregado se depara com a falta de sentido da vida, no domingo, já que todo o seu empenho e motivação estavam no trabalho profissional. E, na ausência de emprego, qual o significado poder-se-ia atribuir à vida? A existência passa a ser enfrentada, portanto, como um vazio, uma neurose não apenas vivenciada em um dia da semana, mas todos os dias.

Ao contrário do que se observa nesse tipo de comportamento, o homem precisa a cada novo amanhecer responder à vida, sabendo configurar o seu destino, seja este social, biológico ou psíquico, buscando sempre um sentido para a vida e, contrariamente ao que se verifica na neurose do desemprego e na neurose dominical, não enxergar o trabalho como o sentido único da vida, mas, sobretudo, considerar que existem, além dos valores criativos, os vivenciais e atitudinais, a fim de, assim, vivenciar uma existência plena de significado.

Mas, como fundamento de tudo, subsiste o sentido. A pergunta pelo sentido, como critério humanístico decisivo – numa estimativa austera de sua oportuna compreensão cultural e situacional – pode viabilizar valioso contributo para clarificar construtivamente a nossa situação econômica e social (Bockmann, 1990, p. 88).

Pode-se falar também da neurose do executivo, quando Frankl (1965, p. 57) afirma que o ritmo acelerado da vida de hoje é somente uma intenção, infelizmente vã, da autocompensação da frustração existencial, pois quanto menos sabe o homem de uma meta para a sua vida, tanto mais acelera o passo em seu andar pelos caminhos da vida.

Portanto, por meio da análise existencial, busca-se resgatar a essência humana, procurando vivenciar o presente e uma perspectiva de futuro ao

saber que, quando se tem um sentido, qualquer condição parece ser mais suportável. Ao nos depararmos com pessoas em situação de desemprego, podemos, além dessa análise existencial através dos valores, trabalhar de modo a amenizar a ansiedade antecipatória que, muitas vezes, o homem apresenta diante do sofrimento pela perda de um determinado trabalho ou ao deparar-se com a falta de objetivos quando no caso do neurótico dominical. Citaremos duas técnicas, dentre as específicas da Logoterapia, que podem auxiliar na psicoterapia para esses casos.

O homem, quando em situação de sofrimento, sente-se como sendo o centro do mundo, de seus pensamentos e, muitas vezes, fica em constante “hiperreflexão”. As técnicas Intenção Paradoxal e Derreflexão possibilitam esse homem sair dessa auto-observação, podendo “diminuir a carga afetiva que age negativamente intensificando a sintomatologia” (Uderzo; Lazarte, 1994, p. 49). Ressalta-se que foi o próprio Viktor Frankl quem orientou as técnicas supracitadas.

O objetivo da intenção paradoxal, nesse caso, é romper o círculo vicioso gerado pela ansiedade/ angústia antecipatória, por exemplo, o medo de não conseguir encontrar outro trabalho ou já estar angustiado com o próximo. E então, por meio dessa técnica, é alcançado o autodistanciamento da neurose, já que, desse modo, ela é objetivada e assim diminui a carga afetiva que lhe dá força. O sujeito passa a tirar a atenção de si mesmo e da sua condição, evitando essa hiperreflexão.

A logoterapia baseia sua técnica denominada intenção paradoxal no fato duplo de que o medo produz aquilo de que temos medo e de que a intenção excessiva impossibilita o que desejamos. Nesta abordagem, o paciente que sofre de fobia é convidado a intencionar precisamente aquilo que teme, mesmo que apenas por um momento (Frankl, 2008, p. 147).

A derreflexão, por sua vez, é utilizada com o objetivo de fazer o sujeito esquecer-se de si mesmo e, sabendo que o homem é eminentemente intencional, portanto estando sempre direcionado a algo ou alguém, destacar a capacidade da autotranscendência, já que a técnica referida pode ser definida como uma tentativa de deslocar a atenção do homem que está preocupado com a sua

condição – no caso, de desempregado – para alguma coisa que não seja ele mesmo nem o seu estado.

O importante é ajudar o sujeito a ver que a intenção e reflexão excessivas, por exemplo, o anseio por ser realizado profissionalmente, ao invés de atrair a conquista, a distancia ainda mais. “Assim como o bumerangue só volta ao caçador que o lançou no caso de não atingir o alvo, da mesma forma o homem que anseia pela auto-realização é aquele que não consegue preencher o sentido, e nem sequer às vezes identificá-lo” (Frankl, 1978, p. 13).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho não deve ser um fim em si mesmo, mas deve ser um meio para uma finalidade, pois, revestido desse entendimento e dessa forma de agir, o homem é capaz de perceber o verdadeiro sentido do trabalho, por meio da autotranscendência, na medida em que se importando com o objetivo, um possível sucesso ou fracasso não será suficiente para retirar o sentido da vida, já que a auto-realização não deve ser a motivação primordial da relação do homem com o trabalho.

Como afirma Lukas (1989, p. 151), “o trabalho não é tudo e se para alguém ele for, este está arriscando a saúde e a vida”. É importante ter em mente as três categorias de valores que a Logoterapia propõe e não desenvolver um sistema piramidal de valores, para não exagerar na importância de um único. Pois para o homem, mesmo em situação de desemprego, a partir da descoberta da existência de outros valores, sempre lhe será possível descobrir um sentido, seja por meio de outra forma de criação, seja amando, vivenciando e contemplando algo ou alguém, seja até mesmo na modificação da atitude no sofrimento.

Dessa forma, o desempregado estará mais interessado naquilo que é mutável, do que na condição imutável, inevitável. Isto é, ele se concentrará na sua área de liberdade, ciente de que pode eleger, com responsabilidade, a forma pela qual deseja configurar o seu existir de maneira plena de sentido. Já que o sentido, por sua vez, está no engajamento por algo que representa um valor e está sempre ao alcance do homem, mesmo quando em situação de desemprego.

## Referências

- Antunes, R. (1999). *Os sentidos do trabalho*. São Paulo: Bomtempo.
- Bockmann, W. (1990). Sentido na economia e na sociedade. In: FRANKL, V. E., BOSCHEMEYER, U., Langle, A., Kretschmer, W., Bockmann, W., Funke, G. et al. *Dar sentido à vida: a logoterapia de Viktor Frankl*. Petrópolis, RJ: Vozes, São Leopoldo, RS: Sinodal.
- Comte-sponville, A. (1999). *Pequeno tratado das grandes virtudes*. Ed. Martins Fontes, São Paulo.
- Ferreira, A. B. H. (2004). *Novo dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo.
- Frankl, V. E. (1965). *La Idea psicológica del hombre*. Madrid: Rialp. 57.
- Frankl, V. E. (1978). *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Frankl, V. E. (2003). *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial*. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V. E. (2005). *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. Aparecida, SP: Ideias & Letras.
- Frankl, V. E. (2007). *A presença ignorada de Deus*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. E. (2008). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. E. (2010). *O que não está escrito nos meus livros: Memórias*. São Paulo: É Realizações.
- Gasda, E. E. (2006). Sentido deltrabajo y dignidad humana. NOUS, v.10. Recuperado em 01 de agosto de 2010. [www. Logoterapia.net/uploads/nous10r\\_7038206.pdf](http://www.logoterapia.net/uploads/nous10r_7038206.pdf).
- Lukas, E. (1989). *Logoterapia: a força desafiadora do espírito*. São Paulo: Edições Loyola.
- Lukas, E. (1992). *Prevenção psicológica*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes.
- Lukas, E.(2003). *O sentido dos sonhos na psicoterapia em Viktor Frankl*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Menezes, A. (2007). O desemprego e suas repercussões biopsicossociais. Recuperado em 03 de maior de 2010, <http://www.frb.br/ciente/ADM/ADM.MENEZES.F1.pdf>.
- Peter, R. (1999). *Viktor Frankl: a antropologia como terapia*. São Paulo: Paulus.
- Ribeiro, L. C. (1995). “Trabalho e realização”. In: Cordi, C.; Santos, A. R.; Bório, E. et al. *Para filosofar*. Editora Scipione. São Paulo.
- Selye, H. (1965). *Stress: a tensão da vida*. São Paulo: IBRASA.
- Chaplin, C. (1936). *Tempos Modernos* [Filme]. EUA, 87min.
- Tumolo, L. M. S.; Tumolo, P. S. (2004). *A vivência do desempregado: um estudo crítico do significado do desemprego no capitalismo*. Trabalho, Educação e Saúde, 2 ( 2), 327-344.

Uderzo, L. G. P.; Lazarte, O. (1994). *Sempre se pode eleger*: logoterapia e sessões clínicas de logoterapia. Sermed. São Bernardo do Campo: SP.

Recebido: 1/05/2012

Revisado: 2/06/2012

Aprovado: 27/09/2012

### Sobre os autores

**Karen Costa Guedes.** Mestranda em Ciências das Religiões, pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB; Graduada em Psicologia- Habilitação em Formação de Psicólogo e Licenciatura Plena, pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB (2010). Atua em estudos sobre o Sentido da Vida, os Valores e a Religiosidade na Cultura Surda. Participante do Grupo de Pesquisa Nous: Espiritualidade & Sentido - UFPB. E-mail: karen\_costaguedes@hotmail.com

**Edmundo de Oliveira Gaudêncio.** Professor da Universidade Federal de Campina Grande e Titular da Universidade Estadual da Paraíba. Tem experiência na área de Medicina, com ênfase em Psiquiatria, Psicologia e Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: luto, logoterapia, morte, ética e educação. E-mail: edmundogaudencio@hotmail.com